

# Viajar com a imaginação: Jonathan Swift e Luís Caetano Altina de Campos

*Vanda Anastácio \**

Em 1726, no final do relato da viagem a Brobdingnag (o país dos gigantes), Gulliver conta como o capitão do barco que o leva de volta a Inglaterra, depois de ouvir a sua história, o aconselhará a publicar as suas impressões de viagem, dando-as a conhecer ao mundo. A resposta de Gulliver é ilustrativa da voga alcançada, nessa data, pelos livros de viagens. Em sua opinião, o seu relato não chamaria facilmente a atenção dos leitores contemporâneos, que considera disporem já de uma quantidade excessiva de obras do género:

My answer was, that I thought we were already overstocked with books of travels: that nothing could now pass which was not extraordinary [...] (p. 189)

De facto, se os livros de viagens não são uma invenção do século XVIII, o certo é que se multiplicaram durante esta centúria<sup>1</sup>, e são inúmeros os viajantes europeus que se aventuraram por mares e territórios desconhecidos, quer ao serviço de governos e de sociedades científicas<sup>2</sup>, quer por iniciativa individual, apressando-se a publicar, à chegada, relatos das suas experiências<sup>3</sup>.

---

\* Doutorada em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Membro do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa.

Do ponto de vista formal, estas obras apresentam limites relativamente amplos. Assim, se muitas se estruturam como diários, datando e apresentando diacrónicamente as várias etapas da viagem empreendida, outras organizam-se como narrativas na primeira pessoa e, outras ainda, estruturam o discurso em função dos diferentes aspectos observados nos lugares percorridos (geografia, fauna, flora, população, economia, língua, formas de governo, etc). Contudo, de um modo geral, estas obras não se confundem com relatos científicos: destinam-se a um público alargado, procuram colocar os conhecimentos adquiridos a um nível de divulgação e, sobretudo são, frequentemente, o lugar da expressão de opiniões subjectivas e de aspectos biográficos daqueles que escrevem.

Paralelamente à multiplicação destes relatos de deambulações efectivamente levadas a cabo, assistimos à proliferação de descrições de viagens imaginadas, empreendidas a lugares que nunca existiram. Estes relatos fantásticos parodiam, no tom e na forma, os livros de viagens de que falámos acima, mas afastam-se deles não só por tratarem de viagens puramente ficcionais mas, também, porque o seu objectivo não é já a divulgação de um saber ou a partilha de uma experiência mas, antes, tomar a viagem como ponto de partida para uma reflexão crítica sobre a sociedade do seu tempo.

Gostaríamos de recordar aqui dois relatos deste tipo, *Gulliver's travels*<sup>4</sup>, de Jonathan Swift (impresso pela primeira vez em 1726) e *As Viagens d'Altina*<sup>5</sup>, de Luís Caetano Altina de Campos (uma obra composta a partir da colagem de traduções de proveniência diversa, publicada em quatro tomos entre 1798-1805 e reeditada cerca de dez anos mais tarde). Para além de trazer à luz o texto esquecido de Campos, procuraremos percorrer convosco alguns aspectos das duas obras, para observar de que modo ambas reflectem, apesar das diferenças que as separam, muitas das grandes preocupações dos homens do século das luzes.

Se compararmos a estrutura formal dos dois textos, encontraremos diferenças entre ambos. Como se recordarão, *Gulliver's travels* trata das deslocações de um único viajante, Gulliver,

e encontra-se repartida em quatro grandes capítulos, correspondentes, cada um, a uma viagem (a Lilliput, a Brobdingnag, a Laputa e territórios vizinhos e ao país dos Houyhnhnms) que termina, invariavelmente, com um regresso a casa. Trata-se, em todos os casos, de idas a territórios imaginários que são alcançados depois de uma viagem marítima durante a qual ocorrem desvios na rota prevista, devidos a tempestades, naufrágios, ataques de piratas ou motins a bordo.

N' *As Viagens de Altina*, apesar de o texto se organizar em torno de uma narrativa principal onde uma mulher-viajante, Altina, conta as suas viagens, a sua voz alterna com a de outros viajantes que ela vai encontrando nos lugares por onde passa e que assumem o discurso. Altina começa por viajar na Europa, circulando pela Península Ibérica e percorrendo a Inglaterra, a Holanda, os Países Baixos, a Alemanha, a França e a Itália. É só depois de atravessar este último país quando, em Génova, embarca em direcção a Lisboa, que se dá o inevitável desvio accidental na rota do navio, para o qual contribuem simultaneamente três dos acidentes mencionados por Gulliver: há uma tempestade, o barco é apesado por piratas e acaba por naufragar numa das ilhas do país dos balinos.

A chegada ao país dos balinos ocorre no último terço do primeiro livro. É aqui que se concentram a maior parte das informações sobre este país e a narrativa evolui num sentido que determinará a organização dos volumes seguintes: Altina é levada à presença do rei dos balinos, que lhe pede informações sobre os povos europeus e manda chamar os sábios para com ela discutirem os progressos das Ciências na Europa. O volume termina com os primeiros diálogos entre Altina e os sábios balinos sobre esta matéria. Nos três tomos que se seguem, a obra passa, então, a organizar-se segundo um esquema uniforme: a primeira metade de cada um deles é preenchida com o relato de um viajante com quem Altina se cruza ou cuja história lhe é transmitida e, a segunda metade, é dedicada aos diálogos de Altina com os sábios balinos. Apesar da sua extensão considerável, a obra de Luís Caetano de Campos ficou inacabada. Nas suas conversas com os sábios, Altina aborda apenas

uma parte das matérias anunciadas no prólogo e o quarto volume termina sem que o leitor chegue a saber de que modo percorreu Altina o caminho de regresso.

Assumindo o discurso na primeira pessoa, tanto Gulliver como Altina iniciam as suas obras com um relato autobiográfico através do qual se auto-caracterizam. Estas autobiografias apresentam uma estrutura comum: iniciando-se com a descrição das suas origens familiares, passam depois a referir a instrução recebida (no âmbito da qual são inseridas algumas viagens). Esta sequência parece constituir um lugar-comum destas narrativas e é seguida, também, por todos os viajantes secundários que assumem o discurso n' *As Viagens d'Altina*.

Gulliver conta, assim, que era o terceiro dos cinco filhos de um pequeno proprietário inglês, que estudou em Cambridge e que foi depois aprendiz de cirurgião em Londres, ao mesmo tempo que ia estudando navegação e matemática com o dinheiro que o pai lhe mandava. De Londres passou para Leiden, onde estudou medicina durante alguns anos e, no regresso a Londres, inicia a sua carreira como cirurgião de bordo em diversos navios. Durante as horas que passa a bordo, Gulliver completa a sua educação: carrega sempre consigo livros de bons autores e, de cada vez que faz uma escala mais prolongada num país, aproveita para aprender a sua língua<sup>6</sup>.

A biografia de Altina é muito mais circunstanciada do que a de Gulliver mas segue, basicamente, o mesmo esquema: inicia-se também com a descrição das suas origens, mas estas são obscuras: Altina foi abandonada à beira da estrada e recolhida por peregrinos que tinham ido em romaria pedir à Virgem a graça de um filho. Educada por uma mãe de cultura invulgar, aos seis anos já falava quatro línguas e lê durante a infância uma quantidade impressionante de livros franceses e espanhóis sob a orientação dos pais adoptivos. Órfã aos 9 anos, passa a viver com um tutor cruel, que lhe proíbe a leitura dos livros franceses e lhe sugere que se vista de homem para poder continuar a instruir-se e a gozar de uma liberdade de movimentos que não era concedida às meninas da sua idade. É com este tutor que viaja pela Europa. Depois de um episódio

passado em Itália, em que o seu disfarce induz em erro uma moça que dela se enamora julgando-a um homem, Altina volta a vestir trajes de mulher e é como mulher que, depois de ter perdido o tutor e os companheiros durante as vicissitudes da viagem, chega ao país dos balinos.

Tanto Gulliver como Altina são, pois, pessoas instruídas, que viajam carregadas de livros, falam um número apreciável de línguas e estão a par dos progressos científicos da Europa do seu tempo. Contudo, no contacto com os habitantes das terras visitadas, esse saber iluminado não lhes serve de muito: os países que encontram nunca foram descritos em livro nenhum e as línguas que sabem revelam-se inúteis, vendo-se ambos obrigados a aprender, em cada viagem imaginária, não só uma nova língua, mas um novo alfabeto.

Por outro lado, o entusiasmo destas duas personagens pelas luzes europeias não encontra eco nos interlocutores cultos com que se confrontam nestes novos lugares. No caso de Gulliver, as reacções do Imperador de Liliput, do rei de Brobdingnag e dos Houynhnims às suas descrições da História da Inglaterra, do sistema político inglês e das suas leis, são extremamente negativas e, quanto ao rei de Laputa e Balnibarbi, nem sequer está interessado em ouvi-lo falar do Continente que o viu nascer. Por seu lado, Altina tem experiências semelhantes, não só com o rei dos balinos, que desvaloriza os objectos de fabrico europeu com que ela esperava suscitar a sua admiração, como com os sábios do mesmo país, que defendem permanentemente opiniões diametralmente opostas às suas e a levam a concluir, com base nas suas demonstrações, que as conclusões das descobertas científicas europeias, de que Altina tanto se orgulhava, estão todas erradas.

Observemos agora, estes aspectos, com mais pormenor: quais são, concretamente, os assuntos tratados por Gulliver e por Altina, censurados pelos seus interlocutores imaginários e postos em causa pela sua convivência com as civilizações que descrevem? Curiosamente, apesar das diferenças temporais e culturais que separam Jonathan Swift e Luís Caetano de Campos, as suas personagens têm interesses e preocupações muito semelhantes.

Com efeito, ambos procedem à denúncia da opressão e da violência e à crítica do desnível existente entre o nível de vida da aristocracia e o da generalidade das populações. Quando Gulliver resume a História de Inglaterra ao rei de Brobdingnag, por exemplo, este responde-lhe que esta não passa de uma lista de crimes e de vícios<sup>7</sup>. Este parece ser, também, um dos sentidos alegóricos do reino de Laputa e Balnibarbi, cuja classe dirigente se ocupa em especulações abstractas e cuja população vive esfomeada, rota e em casas que ameaçam desmoronar-se a qualquer momento. Gulliver caracteriza por diversas vezes o sistema de colonização do seu tempo (por exemplo: em Liliput quando se recusa a ser instrumento da sujeição do povo de Blefuscu; na terceira viagem, quando descreve os meios usados pelo rei de Laputa para submeter as cidades revoltosas; e no capítulo final da obra, quando se justifica por não ter registado oficialmente a descoberta dos países por onde passou) insurgindo-se contra a violência que este imporia sobre os povos.

As mesmas preocupações podem observar-se nas *Viagens d'Altina*, não só pela inclusão de relatos onde se criticam a escravatura, os maus tratos dados pelos europeus aos indígenas e os crimes cometidos contra a população civil nos Estados Unidos durante a guerra da Independência, como as clivagens económicas e sociais originadas pelo sistema aristocrático: na opinião do magistrado que acolhe Altina no país dos balinos, por exemplo, a Europa não é uma civilização avançada, porque “As sociedades não podem ser felizes enquanto alguns dos seus cidadãos viverem indigentes” (p. 222)

Ambos os romances sublinham a necessidade de rever o tipo de educação dada às crianças, reivindicando o direito das mulheres à educação, à igualdade de oportunidades e ao respeito da sociedade, e chegam a pôr em causa os direitos dos pais a decidir sobre a vida dos filhos. Gulliver conta que em Liliput, por exemplo, os pais não têm qualquer direito sobre os seus filhos, nem os filhos quaisquer deveres para com os seus progenitores. As crianças são educadas em “nurseries” do Estado e vêm os seus pais apenas duas

vezes por ano. Também *nas Viagens d'Altina* se aborda esta questão, sobretudo na narrativa feita no tomo II por Nicolau Hermogenes de Miranda, quando se justifica a fuga de Cizelina (para evitar que o pai a encerre num convento) como uma decisão racional e louvável, oposta à barbárie de um ser egoísta.

Quanto à educação feminina, ela é objecto de variadas referências tanto numa obra como na outra. Gulliver conta, por exemplo, que nas “nurseries” de Lilibut as crianças do sexo feminino recebem uma educação idêntica à dos meninos da sua idade, até nos exercícios físicos propostos e volta a tratar o assunto na viagem ao país dos cavalos: neste último país, Gulliver vê a forma de educar as mulheres na Europa qualificada de “monstruosa”<sup>8</sup> pelo seu “amo” e observa que este povo racional e virtuoso pratica uma mesma educação para os seus descendentes de ambos os sexos.

A questão é tratada a partir de outro ângulo na obra de Campos, com resultados semelhantes. Assim, Altina é educada como um rapaz e, graças ao seu disfarce, tem acesso a uma liberdade igual à dos homens. No entanto, é só quando chega ao país dos balinos, que encontra a aplicação prática da igualdade de educação para ambos os sexos. Cruza-se com mulheres-soldados, discute com mulheres-sábias, e a sua guia em Balir, Cilda, explica-lhe que “o Autor da Natureza não pôs mais diferença entre as mulheres e os homens do que a necessária para a propagação” e que “As mulheres são reputadas neste reino tão aptas e próprias para os empregos como os homens” não havendo “um só de que sejam excluídas quando os seus merecimentos pessoais lho fazem merecer.” (I, p. 230) Por outro lado, ao longo das narrativas secundárias que se vão encaixando na da viagem de Altina, são frequentes os episódios de mulheres seduzidas, desonradas, enganadas, que sofrem os inconvenientes de uma má reputação imerecida, são escravizadas pelos pais, etc. cujos exemplos suscitam, invariavelmente, uma reflexão sobre a injustiça e a prepotência com que são tratadas pela sociedade europeia.<sup>9</sup>

Do ponto de vista político, assistimos em ambas as obras à exposição e discussão das vantagens de vários sistemas de governo:

Gulliver explica, por diversas vezes (em Liliput, em Brobdingnag e no país dos cavalos), como funciona a monarquia parlamentar, e Alberto Cubelino, um dos narradores secundários das *Viagens d'Altina*, discute as vantagens e inconvenientes da república igualitária, comparando-os com os da monarquia.

É no âmbito desta discussão que se integra um outro grande tema de reflexão destas duas obras: a crítica das leis, a denúncia da corrupção dos juízes e advogados e a triste constatação da ineficácia da Justiça. Alguns exemplos apenas: quando Gulliver descreve, em Brobdignang, o funcionamento da Justiça do seu país, é confrontado com as críticas do rei, que lhe faz notar a facilidade com que esta é manipulável, não só pelos advogados que interpretam as leis a seu bel prazer e se colocam do lado de quem lhes paga mais, como pelos Juízes, influenciados nas suas decisões pelas suas ideias partidárias e pela religião que professam (pp.169-170) Para sua vergonha, a conclusão do rei de Brobdingnag é a de que a ignorância, a indolência e o vício são os ingredientes que qualificam o legislador europeu<sup>10</sup>. Em contraposição com as leis da Inglaterra, as deste reino são claras, succintas, passíveis de uma única interpretação e não podem ser objecto de comentários. (p. 176) De modo semelhante, Altina conta que os balinos “são tão pacíficos que vivem com mais harmonia do que se formassem uma só família” (I, p.226) e que, na primeira ilha que visitou, chamada “Ilha dos Naufrágios”, “Um só magistrado basta para administrar a Justiça e sustentar a boa ordem em toda a ilha e ainda seria obrigado a passar muito tempo ocioso se se não ocupasse de mais nada.” (p. 227)

Mas, para além destas observações de carácter político e social, encontramos outras que as englobam e que conduzem, no fundo, a uma reflexão filosófica e moral que se quer, de certo modo, pedagógica. Falamos da insistência na utilidade do saber, que se observa nas duas obras aqui confrontadas, à qual se ligam outros assuntos também comuns às duas. Tanto Gulliver como Altina, aprendem nas suas viagens imaginárias que muitos dos conhecimentos valorizados na Europa são inúteis, porque não contribuem para a melhoria das condições de vida do ser humano, nem para a sua felicidade, nem para a sua edificação. Nas *Viagens*



*d'Altina*, este é um dos primeiros aspectos mencionados pela heroína, que se vê confrontada com esta noção de utilidade, oposta à de corrupção, ainda antes da sua chegada a Balir, a capital do país dos balinos. Ela diz, com efeito: “[Eu] sentia crescer dentro de mim o desejo d’ir ver este novo país, desconhecido de todo o mundo, onde Melido me segurava que cultivavam as ciências e as artes úteis e que se olhavam com desprezo e com horror todas as que serviam para corromper a humanidade.” (I, p. 228) A mesma distinção se encontra nas palavras do rei dos balinos, o qual, quando Altina lhe mostra com orgulho uma série de objectos de fabrico europeu salvos do naufrágio, lhe responde: “Pode supor-se, [...] a julgar pelo estado de perfeição onde tendes chegado nas artes inúteis, que tereis feito iguais progressos nas de primeira necessidade, todavia eu não considerarei nunca que os meus vassallos s’ocupem das primeiras, porque elas não podem servir senão para corromper.” (I, p. 235)

Um dos exemplos de conhecimento inútil mencionado por ambos é o da Medicina (ciência cujas limitações Gulliver conhece bem, uma vez que, recordêmo-lo, era cirurgião de bordo). A classe dos médicos é extremamente desvalorizada nestas obras, que a acusam de aliar a ignorância ao assassinato e à cupidez. Um exemplo muito claro do que acabamos de afirmar é o modo como Gulliver descreve ao seu “amo” do país dos cavalos, onde não há doenças, o que é um médico e em que princípios se funda para praticar a sua profissão, dizendo-lhe que opera com base em três métodos terapêuticos (o vomitório, a purga e a sangria) e que nunca erra o seu prognóstico fatal porque, quando o doente não morre da doença, morre da cura (p. 301)<sup>11</sup>. Nas *Viagens d’Altina*, esta mesma ideia é dada de modo implícito nos relatos de prognósticos errados e de curas falhadas incluídos nas narrativas secundárias que se cruzam com a principal (por exemplo, quando o pai adoptivo de Altina é atingido por uma bala perdida, manda chamar um médico. O médico diz-lhe que não se preocupe porque se trata de uma ferida sem gravidade, mas o paciente morre ao fim de cinco dias) mas, sobretudo, nas discussões que tem com Eldo sobre a circulação do sangue e as causas das doenças, depois das quais Altina se rende

às provas de que o que julgava serem progressos extraordinários no campo da Medicina são apenas fantasias sem fundamento.

Outros exemplos de conhecimentos considerados inúteis por ambos os autores de que aqui nos ocupamos são a Filosofia e a Astronomia, duas das disciplinas mais prestigiadas na época. Na viagem a Brobdingnag, Gulliver menciona, com ironia, que a explicação dada pelos filósofos do país dos gigantes para a existência de um ser tão pequeno como ele, consiste em mascarar a sua ignorância com uma expressão latina (é um “*lusus naturae*”) tal como o faria qualquer filósofo da Europa<sup>12</sup> (p. 143). Por sua vez, em Laputa e Balnibarbi, o país dos sábios que se dedicam ao conhecimento especulativo, a Astronomia encontra-se muito mais avançada do que a da Europa (conhecem 10 000 estrelas fixas, descobriram 2 satélites de Marte e 92 cometas cujos períodos determinaram com exactidão) mas o povo vive roto e faminto e é incapaz de fazer com que os seus campos produzam. Pelo contrário, entre os Houyhnhnms, o povo mais sábio e mais virtuoso que Gulliver encontrou nas suas viagens, a Astronomia é rudimentar: os cavalos reduzem o tempo à divisão em anos e conhecem apenas o sol, a lua e a natureza dos eclipses. (p. 321)

A mesma desconfiança em relação à Filosofia se observa ao longo d’ *As Viagens d’Altina*. Lisda, a mulher sábia com quem Altina mais conversa no país dos balinos, explica-lhe que “Os filósofos que se servem de hipóteses arbitrarias em lugar de princípios evidentes e que querem dar as suas conjecturas por verdades, bem longe de concorrerem para os progressos dos conhecimentos humanos não fazem mais do que aumentar esses erros” (I, p.305) e a própria Altina, no prólogo que redige à sua obra, que diz ter escrito depois do seu regresso, define a Filosofia como um produto da vaidade dos homens, uma vez que nunca algum reconheceu limites nas capacidades do ser humano<sup>13</sup>. Quanto à Astronomia, a sua “inutilidade” fica comprovada depois da discussão que tem com Lisda acerca do sistema de Copérnico, em que aquela mulher-sábia consegue provar a Altina que se trata de um delírio ridículo produzido pela extravagância humana<sup>14</sup>.

Jonathan Swift acrescenta ao número dos conhecimentos dispensáveis a Matemática pura e a Música, e Caetano de Campos engloba neste grupo a generalidade das ciências europeias, a que Altina chama “turbilhões de sofismas” (I, p. 3)

A este corpo de conhecimentos inúteis contrapõe-se, nestes livros, um outro grupo de saberes, a que Swift e Campos concedem a honra de considerar úteis. O seu número é reduzido, o que explica que, em ambas as obras, se diga que os povos felizes e virtuosos possuem bibliotecas pequenas. Em *Gulliver's travels* é o que se observa em Brobdingnag cujos habitantes conhecem a arte da tipografia, mas cujas bibliotecas preservam apenas um número reduzido de volumes (p. 176). O mesmo se verifica no país dos cavalos, cujo saber é totalmente “tradicional” pois desconhecem as letras, mas que, apesar disso, são excelentes na arte da poesia<sup>15</sup>. Também nas *Viagens d'Altina* encontramos atitude semelhante por parte da heroína que, depois da sua viagem, afirma muito claramente que só “os charlatães julgam os progressos das ciências pelo número de volumes que as tratam” (I, p. 17)

No topo da lista dos conhecimentos úteis encontramos a Agricultura, cuja prática bem entendida e inspirada nos ensinamentos da experiência poderia, no entender destes autores, acabar com a fome e a miséria dos povos. Swift exprime estas ideias através da alegoria, tanto na viagem ao país dos gigantes, cujo rei reduz grande parte da arte de governar à capacidade de tornar mais produtiva a Agricultura<sup>16</sup>, como, de modo irónico, na viagem a Laputa e Balnibarbi cujos campos, tornados improdutivos pela aplicação dos novos métodos científicos dos seus sábios à prática agrícola, são a imagem do que pode acontecer quando todo um povo se dedica apenas à acumulação de conhecimentos inúteis. Também Altina, aprende, nos diálogos que mantém com Lisda sobre o assunto, que a improdutividade dos campos europeus poderia ser suprida se os agricultores seguissem os ensinamentos da experiência e fica a saber, pela mesma fonte, que o melhor método para tornar a terra fértil é... trabalhá-la.

Depois da Agricultura vem a Architectura, aliada às Matemáticas applicadas e às Artes Mecânicas, que contribuem para o bem estar das populações e para a melhoria das suas condições de vida. É extremamente significativo, segundo cremos, que a leitura atenta das duas obras aqui em confronto ponha em evidência a existência de semelhanças na architectura dos povos sábios e virtuosos. Por exemplo, quando Gulliver visita pela primeira vez a capital de Brobdignang fica desapontado com a simplicidade e pequena dimensão relativa dos seus templos e dos seus edificios. No país dos cavalos, depara-se-lhe uma architectura exclusivamente utilitária (hoje diríamos, talvez, minimalista), orientada apenas o conforto, sem quaisquer preocupações de adorno ou de ostentação. Por seu lado, ao chegar a Balir, Altina, não vê “edificio ou monumento algum que mostrasse os mais pequenos progressos d’ Architectura.” (I, p. 229) e acha que a cidade “parecia mais uma aldeia do que a capital duma monarquia” (I, p. 229). Estas considerações levam inclusivamente Altina a concluir estar perante um povo atrasado, induzindo-a em erro quanto ao verdadeiro avanço da sua civilização<sup>17</sup>.

A distinção entre conhecimentos úteis e inúteis que acabamos de referir, não constitui apenas um pormenor de classificação. De facto, estes autores consideram desnecessários uma série de saberes valorizados pela sociedade do seu tempo e fazem-no com base num julgamento que é, no fundo, moral. A questão de saber porque motivo a humanidade perde tanto tempo com especulações e descobertas inúteis em vez de se ocupar em aprofundar os conhecimentos que a podem conduzir ao bem estar e à virtude é entendida, tanto por Swift como por Campos, como um resultado da corrupção da sua natureza: o ser humano deixou de buscar aquilo que pode interessar ao bem público, à felicidade da humanidade em geral, ofuscado pelo luxo e pela vaidade. Resultados do egoísmo e da incapacidade do ser humano para viver de acordo com os ditames da Razão, estes dois malefícios adquirem, em ambas as obras, uma importância considerável.

O luxo é descrito como um exemplo e um resultado da opressão dos povos, uma vez que a confecção de cada objecto de luxo resulta do trabalho de um número elevadíssimo de pessoas que nada lucram com ele: logo à chegada ao país dos balinos, quando Altina fala do estilo de vida dos europeus a Melido, o magistrado que a acolhe na sua casa, este diz-lhe que encara a indigência como um flagelo e que esta não poderá ser erradicada “enquanto o luxo fizer progressos, porque a multidão de braços ocupados em coisas inúteis fará faltar as necessárias” (I, p. 222). Também na opinião de Gulliver é o desejo de luxo da aristocracia que faz com que tantos trabalhadores agrícolas abandonem os campos ingleses e as artes que contribuem para o bem estar da nação, para se empregarem no fabrico de coisas destinadas apenas a alguns. Em ambas as obras se considera que a vaidade está na origem da incapacidade do ser humano para reconhecer os seus erros, para conhecer os seus limites, para se aperceber da irrelevância de grande parte das suas acções, para se conduzir, enfim, de acordo com a razão e a virtude<sup>18</sup>.

O propósito de *Gulliver's travels*, como d' *As Viagens d'Altina* é, pois, sobretudo, moral, o que explica que ambos os viajantes digam escrever para a felicidade do público leitor: Gulliver afirma que “A traveller's chief aim should be to make men wiser and better, and to improve their minds by the bad as well as good example of what they deliver concerning foreign places” (p. 340) e que escreve apenas tendo em vista o bem público (a que chama “public good” p. 341) e Altina inclui na sua narração um prólogo dedicado “À Humanidade” onde diz ter empreendido o seu trabalho “com o designio de concorrer para a felicidade” dos “habitantes de toda a superfície deste globo” (p. [1]).

Para terminar, gostaríamos de sublinhar alguns aspectos:

Em primeiro lugar, que a presença de tantos pontos de vista comuns entre as duas obras aqui abordadas nos ajuda a entender melhor a atitude mental do século XVIII, recordando-nos que o entusiasmo pelas Luzes teve, também, o seu reverso, que se manifesta na desconfiança no progresso científico, no receio

das mudanças políticas demasiado radicais (a que o período de terror que se seguiu à Revolução Francesa veio inclusive, dar novo impulso), no reconhecimento dos limites do conhecimento alcançado e na dúvida de que fosse possível ao ser humano comportar-se, realmente, de modo racional.

Depois, que é possível e até provável, que Luís Caetano de Campos tenha lido Jonathan Swift<sup>19</sup>, tal como leu uma série de obras de carácter literário e científico de que traduz amplos excertos que “cola” ao seu discurso ao longo das *Viagens d’Altina*. Mas as marcas da leitura de Swift não são claramente reconhecíveis no seu texto, e as ideias que expõe parecem corresponder, mais do que a uma influência, a uma mesma visão do mundo orientada pelos parâmetros civilizacionais das Luzes, que vêm a razão e a virtude como entidades reguladoras das paixões humanas e encaram a escrita como uma actividade ao serviço do ideal pedagógico de educação para a virtude e para a cidadania.

Por fim, que a crítica desabusada às ideias dominantes no período teve, em ambos os casos, consequências negativas para os seus autores. No caso de Swift, levou a que o seu primeiro editor tenha cortado determinadas passagens que considerou mais ofensivas e tenha incluído, até, um discurso em louvor da rainha Ana e do seu governo que este escritor se apressou a rejeitar como um abuso. No caso de Luís Caetano de Campos, a publicação da sua obra valeu-lhe o incorrer no desagrado do Intendente Geral da Polícia Diogo Inácio de Pina Manique, que o cita como um indivíduo suspeito nos seus relatórios ao governo, e Inocêncio Francisco da Silva supôs mesmo que, se não sabemos hoje como terminam as *Viagens d’Altina*, o facto se deve a que o seu autor se terá visto obrigado a fugir para o exílio<sup>20</sup>.

## Referências bibliográficas

- AA. VV., *L'Homme des Lumières*, Paris, Éditions du Seuil, 1996.
- BLOOM, Harold (org.) *Swift's Gulliver's travels*. Modern Critical Interpretations, N. York, Chelsea House, 1986.
- CAMPOS, Luís Caetano Altina de. *Viagens d'Altina nas cidades mais cultas da Europa e nas primeiras povoações dos Balinos, povos desconhecidos de todo o mundo*, 4 vols., Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira, 1790-93.
- CHARTIER, R. "Les livres de voyage" in R. Chartier e H.-J. Martin (orgs.) *Histoire de l'édition française*, t. II, Paris, Fayard, 1990.
- CHAVES, Castelo Branco *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*, Lisboa, ICALP, 1987.
- DONOHUE, Denis *Swift Revisited*, Cork, The Mercier Press, 1968.
- PALMERI, Frank (org.) *Critical Essays on Jonathan Swift*, N. York, G. K. Hall, 1993.
- SHERBO, Arthur "Swift and travel literature" *Modern Language Studies*, 9.3, Fall 1979.
- SILVA, Inocêncio Francisco da "Luís Caetano de Campos" *Dicionário Bibliográfico Português*, vol. V.
- SMITH, Frederik N. "Scientific Discourse: Gulliver's travels and the philosophical transactions" in *Genres*, 1990, pp. 139-162.
- SWIFT, Jonathan *Gulliver's Travels*, Penguin Books, 1979 [1ª edição: 1726].

## Notas

<sup>1</sup> Vejam-se, a este propósito, os números avançados por Marie-Noëlle Bourguet no artigo "L'explorateur" in AA. VV., *L'Homme des Lumières*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, p. 327: "De fait, avec 3 540 titres, français et étrangers – soit plus du double du siècle précédent –, la littérature de voyage, jusqu'alors part mineure de la production du livre, devient au XVIIIe siècle un genre conquérant." Veja-se ainda o trabalho de R. Chartier "Les livres de voyage" in R. Chartier e H.J. Martin (orgs.) *Histoire de l'édition française*, t. II, Paris, Fayard, 1990, pp. 266-268

<sup>2</sup> Para além das viagens de recreio empreendidas por um número crescente de viajantes, assiste-se à proliferação das viagens de exploração. A verdade é que continuavam ainda por explorar, no século XVIII, vastas zonas do globo. Algumas áreas que alimentam as especulações de filósofos e geógrafos das luzes são: o interior do Continente Americano que era então, em grande parte desconhecido, o interior da Rússia, bem como a Austrália e grande parte das ilhas e arquipélagos do Oceano Pacífico.

<sup>3</sup> Recordemos que, na época, não é preciso ter uma formação específica para proceder a este tipo de expedições, como afirma Marie-Noëlle Bourguet no artigo “L’explorateur” in AA. VV., *L’Homme des Lumières*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, p. 301: “A l’époque des Lumières, l’exploration n’est pas un métier auquel préparent une formation spéciale et l’acquisition de compétences professionnelles. [...] On est religieux ou officier, botaniste ou astronome, trappeur ou médecin; mais un rêve d’enfance ou un hasard de carrière, une rencontre, un événement politique conduit à devenir explorateur.”

<sup>4</sup> Jonathan Swift, *Travels into several remote nations of the world in four parts by Lemuel Gulliver, first a surgeon and then a Captain of several ships*, London, Printed for Benj. Motte, 1726. Citamos pela edição de Peter Dixon, John Chalker e Michael Foot, Londres, Penguin Books, 1967.

<sup>5</sup> Luís Caetano Altina de Campos, *Viagens d’Altina nas cidades mais cultas da Europa e nas principais povoações dos balinos, povos desconhecidos de todo o mundo*, 4 tomos, Lisboa, na Off. De Simão Thaddeu Ferreira, 1798-1805. Inocêncio Francisco da Silva refere no *Diccionario Bibliographico Portuguez* uma edição de 1790-1793 que não pudemos localizar. Por sua vez, tanto no exemplar que se preserva na Biblioteca Nacional de Lisboa, como no que se preserva na *British Library*, o tomo IV tem data de 1815 e tem a indicação de que se trata da segunda edição da obra.

<sup>6</sup> O facto de Swift ter escolhido para Gulliver a profissão de cirurgião de bordo não nos parece accidental, uma vez que existe um número relativamente significativo de autores de livros de viagens na época escritos por indivíduos com essa profissão (alguns nomes são Mungo Park, Engelbert Kaempfer e Archibald Menzies, por exemplo).

<sup>7</sup> Eis as palavras usadas por Gulliver para contar a reacção do rei: “He was perfectly astonished with the historical account I gave him of our affairs during the last century, protesting it was only a heap of conspiracies, rebellions, murders, massacres, revolutions, banishments, and very worst effects that avarice, faction, hypocrisy, perfidiousness, cruelty, rage, madness, hatred, envy, lust, malice and ambition could produce.” (p. 172)

<sup>8</sup> Eis as suas palavras, p. 317: “my master thought it monstrous in us to give the females a different kind of education from the males, except in some articles of domestic management; whereby, as he truly observed, one half of our natives were good for nothing but bringing children into the world: and to trust the care of their children to such useless animals, he said, was yet a greater instance of brutality.”

<sup>9</sup> Vejam-se, a título de exemplos, as opiniões de Paulino, em I, Capítulo III, o relato de Tillano em I, Capítulos VIII e IX, a história de Nicolau Hermogenes de Miranda, em II, Capítulo II, e a história de John Guld em III Capítulo IV.

<sup>10</sup> O rei diz, por fim, na p. 172: “You have clearly proved that ignorance, idleness and vice are the proper ingredients for qualifying a legislator”

<sup>11</sup> O modo como Gulliver se refere a este pormenor é o seguinte, p. 301: “One great excellency in this tribe is their skill at *prognostics*, wherein they seldom fail their predictions in real diseases when they rise to any degree of malignity generally portending death, which is always in their power, when recovery is not.”



<sup>12</sup> Eis as suas palavras, p. 143: “After much debate, they concluded unanimously that I was only *relplum scalath*, which is interpreted literally, *lusus naturæ*, a determination exactly agreeable to the modern philosophy of Europe, whose professors, disdain the old evasion of occult causes, whereby the followers of Aristotle endeavour in vain to disguise their ignorance, have invented this wonderful solution of all difficulties, to the unspeakable advancement of human knowledge.”

<sup>13</sup> Diz, por exemplo, na p. 13: “Eu não sei que algum filósofo até agora tenha tido o atrevimento de dizer: eis aí o termo onde pode chegar o homem e que não pode exceder. Nós ignorámos o que a nossa natureza nos permite, nenhum de nós não mediu ainda a distância que se acha entre um homem e outro homem.”

<sup>14</sup> É esta a expressão que Altina utilizará nas suas “Reflexões Preliminares” à obra, p. 2: “Que responderá a Astronomia, que chega a vaidade ao ponto de querer conhecer os astros, que ela pode apenas perceber, quando lhe disserem, que o sistema, que faz a base de todos os seus conhecimentos, é o mais ridículo delírio que a extravagância humana pode produzir?”

<sup>15</sup> Gulliver diz mesmo que nesta arte são os melhores dos mortais, na p. 321: “In poetry they must be allowed to excell all mortals” afirmação que é especialmente significativa porque para Gulliver, a Poesia e a História, disciplinas de que Campos não fala, fazem parte dos conhecimentos “úteis”.

<sup>16</sup> Como se depreende da observação seguinte: “He confined the knowledge of governing within very *narrow bounds* to common sense and reason, to justice and lenity, to the speedy determination of civil and criminal causes; and he gave for his opinion, that whoever could make two ears of corn, or two blades of grass to grow upon a ground whwere only one grew before, would deserve better of mankind, and do more essential service to his country, than the whole race of politicians put together.” p. 176

<sup>17</sup> Altina conta, com efeito, em I, p. 233: “Não obstante o uso que eu tinha destes povos pela minha assistência na ilha dos naufrágios, tive a estúpida simplicidade de supor que as suas virtudes e os seus costumes eram mais a consequência dum carácter sossegado e pacífico do que o efeito da reflexão. Partindo destes princípios e julgando os seus conhecimentos pelo seu traje e pela arquitectura das suas casas eu os supunha nas trevas a respeito das ciências e das artes. Esta suposição e o muito que eu presumia de mim, eram as razões que me faziam esperar que a minha glória entre eles seria maior do que a do grande Newton na Europa.”

<sup>18</sup> Vejam-se a título ilustrativo de que acabamos de dizer, o prólogo “À Humanidade” das *Viagens d’Altina* bem como o último capítulo de *Gulliver’s travels*.

<sup>19</sup> Campos sabia francês, tendo-se dedicado, de modo relativamente intenso, à tradução de obras francesas numa determinada fase da sua vida. A obra de Swift estava traduzida para francês desde 1726, mas desde 1793 que havia uma tradução portuguesa acessível (Swift, Jonathan, *Viagens de Gulliver a varios países remotos* (trad. Por J.B.G.) 3 vols., Coimbra, Real Imp. da Universidade, 1793.) Consulte-se, a este propósito, a obra de A.A. Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal. Volume Primeiro (1945-1834)*, Lisboa, INCM, 1992 e o artigo sobre “Luís Caetano Altina de Campos” na obra de Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionario Bibliographico Português*, vol. pp. 235-238.

<sup>20</sup> Eis as suas palavras, *op. cit.*, p. 236: “A obra não prosseguiu além do tomo IV porque, segundo creio, o auctor teve de sair por esse tempo do reino, ao que se collige da primeira das contas acima copiadas.”

## Resumo

Neste trabalho parte-se da comparação de dois relatos de viagens imaginárias do século XVIII, (*Gulliver's travels* de Jonathan Swift e *As viagens de Altina* de Luís Caetano Altina de Campos) para uma reflexão acerca de alguns pontos de vista muito difundidos na época. De facto, apesar de se tratar de obras produzidas em momentos e em áreas geográficas diferentes, ambas as narrativas põem em causa alguns dos valores propagados então pela crença nas “Luzes” do século, pondo em evidência o reverso daquilo a que hoje chamamos “Iluminismo”.

**Palavras-chave:** Literatura de viagens; Literatura Comparada; Jonathan Swift; Iluminismo; Luís Caetano Altina de Campos

## Abstract

This paper takes the comparison between two XVIIIth Century narratives of imaginary travels (*Gulliver's travels* by Jonathan Swift and *As Viagens de Altina* by Luís Caetano Altina de Campos) as a starting point for a discussion of some very widely diffused ideas at the time. In spite of the fact that we are dealing with works produced with more than 20 years interval in different geographical areas, both narratives challenge the idea of Progress, and the enthusiasm with the achievements of Mankind, showing, in fact, the reverse side of what we today call Enlightenment.

**Key-words:** Travel literature; Comparative Literature; Jonathan Swift; Enlightenment; Counter-Enlightenment; Luís Caetano Altina de Campos